



LITERATURA: URGÊNCIA E SENTIDO

*Laise Ribas Bastos*¹

*Fernando Floriani Petry*²

Em entrevista concedida em maio de 2020, o escritor Mia Couto é indagado se a atual crise sanitária mundial teria reverberação direta em sua escrita. Ao que responde ter “quase pudor por pensar nesses termos com essa tragédia”. E prossegue, “[...] agora sou apenas um cidadão que se junta à luta pela prevenção da epidemia.” Posteriormente, lembra que “aconteceu o mesmo com a guerra. Esse tempo era demasiado cruel, demasiado próximo para que eu pensasse nesse drama em termos literários. Depois, sucedeu. [...] Não era a guerra em si mesma que me interessava, mas o que ela negava em termos da preservação da nossa humanidade”. Na proposição benjaminiana, trata-se do entendimento de que se determinadas experiências deixam de ser narráveis e transmitidas, outros modos de perceber e comunicar o mundo encontram lugar. Em nossa história recente, talvez possamos registrar poucos momentos tão urgentes como o atual. A urgência sanitária de que fala Mia Couto é também uma urgência ecológica, política e, em última instância, uma urgência de *sanidade*. “Meus olhos são pequenos para ver”, ou, ainda, “em vão me tento explicar”, advertem os versos de Drummond em *A rosa do povo*, livro escrito durante a guerra.

Mais recentemente, em abril de 2021, acerca da publicação do *Projeto Decamerão*: 29 histórias da pandemia, Mia Couto reavalia a questão colocada no ano anterior. Para ele, a possibilidade da escrita nesse contexto está relacionada a uma disposição em buscar outro alento, sair de si para não perder o sentido da esperança.

1 Professora Adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro, laisebastos@letras.ufrj.br

2 Maître de langues na Université Lyon Lumière 2, fernando.florianipetry@univ-lyon2.fr



Portanto, poderíamos perguntar: é possível uma literatura escrita e *inscrita* no agora, isto é, simultaneamente às urgências que este tempo impõe? Se ela é possível, de que modo responde, ao longo de sua história e contemporaneamente, a tais urgências (emergência ecológica, urgência de tomadas de posição, de atribuição de sentidos, de tempo e de vida)? Que linguagem(ns), suportes e meios operam nesse processo? Estes são alguns dos questionamentos que motivaram as reflexões acolhidas neste dossiê temático.

O primeiro artigo do dossiê, “Tavares, Benjamin, pronunciar a experiência, traduzir a modernidade”, de Helano Ribeiro e Jehnifer Penning, se propõe a ler, analisar e reavaliar a noção de experiência, a partir dos pressupostos benjaminianos, na novela-poema *Os velhos também querem viver*, de Gonçalo Tavares. Segundo os autores do artigo, na obra em questão, a experiência está em jogo ao evidenciar a guerra, o valor e a valoração da vida. E nos lembram ainda que a linguagem “constitui a experiência, a subjetividade e a (re)significação (essência) da vida humana”.

Em “Mal-estar e desassossego no *Ensaio sobre a cegueira*: prosa polifônica entre Pessoa e Saramago”, Ana Clara Magalhães de Medeiros, Maria de Fátima Costa e Silva e Larissa Tenório Guedes de Almeida realizam uma leitura cruzada entre o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago e *O livro do desassossego*, de Fernando Pessoa. Amparadas em Freud e Bakhtin, as autoras buscam desvendar e encontrar um modo de pensar alguns dos acontecimentos mais recentes, especialmente aqueles relacionados à última pandemia mundial.

Rafael Reginato Moura, em “João Ninguém e seus ninguéns: um alguém em meio à catástrofe”, apresenta a história de João da Silva Correia, escritor português, autor do romance *Unhas Negras* (1953). De circulação relativamente restrita no contexto brasileiro, João da Silva Correia usava o pseudônimo “João Ninguém” em textos escritos e lidos por ele na rádio BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial. A partir da abordagem dos referidos textos, bem como de cartas escritas por ele, o artigo expõe o percurso de resistência e força de João da Silva diante de regimes autoritários vigentes não só em Portugal, com o Estado Novo de Salazar, mas também em outros países da Europa e do mundo.

Por sua vez, o artigo de Júlia Schutz, “Os jogos, a linguagem e os saltos de temporalidades na revista Pif Paf (1964)”, revela parte do universo crítico e literário das publicações alternativas durante a ditadura militar no Brasil ao analisar os procedimentos de ironia e humor na revista editada por Millôr Fernandes entre maio e agosto de 1964, ano marcado pelo então recente golpe no Brasil.

Encerrando a seção de artigos, “Maligna rosa que devesse murchar: a estética da violência no conto ‘Zoraide colhe margaridas’, de Breno Accioly”, analisa a estetização da violência na obra de Breno Accioly, cujo livro de contos *Os cata-ventos*, foco da análise do artigo, foi publicado em 1962.

Trazendo a discussão para a realidade imediatamente mais próxima de nós, a seção de entrevista traz uma conversa com o poeta, professor e editor Manoel Ricardo de Lima. Concedida a Suzana Santos e Zema Ribeiro, no programa Radioletra, da rádio Timbira AM, de São Luís do Maranhão, a entrevista versa sobre a coletânea de poemas *Uma pausa na luta*, publicada em julho de 2020, pela Mórula Editorial. No entanto, ao mesmo tempo podemos contar com uma reflexão acerca das possibilidades da poesia hoje, quando todo movimento – e mesmo a suposta ausência dele (presente na ideia de “pausa”) – expressa uma tomada de posição. Ou, para dizer em outros termos, quando a literatura responde às urgências do mundo e do tempo presente propondo certo desvio dos sentidos, das sensações e do dizer. A esse movimento, e àquele empenhado neste dossiê, podemos somar, mais uma vez, o verso de Drummond, “esperança mínima” de “forma insegura” no poema “A flor e a náusea”: “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.

Boa leitura!

Os organizadores/editores